



A PESQUISA-INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA: OS USOS DO DIÁRIO DE CAMPO

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14675>



Maria Lívia do Nascimento

Universidade Federal Fluminense – UFF – Brasil

Flávia Cristina Silveira Lemos

Universidade Federal do Pará – UFPA – Brasil



Resumo

Este artigo problematiza a pesquisa-intervenção pelos caminhos da análise institucional e de suas ferramentas. Para tanto, pensa o processo de pesquisa por meio da noção de implicação e traz o diário de campo como ferramenta fundamental para as análises. Há intempestivos no pesquisar e é preciso estar atento ao que René Lourau chamou “fora-texto”, aquilo que no círculo científico clássico não deve constar da asséptica escrita do texto final. O “fora-texto” é rico em possibilidade de análises, expõe as implicações, e sua escrita produz uma leitura da prática. Na intenção de entrecruzar diferentes ferramentas da análise institucional, o artigo procura trazer a pesquisa-intervenção como uma metodologia que se interpõe aos princípios de neutralidade e objetividade da ciência positiva, às suas dicotomias e produção de verdades. Embora o pensamento de René Lourau conduza o artigo, não há uma leitura pura desse autor, mas deslocamentos nos usos de suas ferramentas de pesquisa.

Palavras-chaves: Pesquisa-intervenção; Diário de campo; Análise institucional; Psicologia.

Introdução

Pretende-se, neste artigo, pensar ferramentas a respeito da pesquisa-intervenção, sobretudo, na conversação com a Análise Institucional francesa e com alguns aspectos dos estudos da Psicologia Social brasileira. Trata-se de traçar um campo problematizador dos estudos com René Lourau e Georges Lapassade para constituir um trabalho com os diários de campo. No livro “Chaves da Sociologia” Lourau e Lapassade (1972) destacam os dilemas presentes no escopo de produção sociológica, atravessada por tempo e espaço limitados e forças de uma determinada época e lugar.

Pensar um livro, uma pesquisa, uma atuação e ou ainda um plano prático dos saberes em seus efeitos é poder interrogar acontecimentos, marcados por temporalidades e espacialidades no que tange situar uma produção como singular, delimitada pela história, cultura, geografia, economia e subjetividades. Quando lemos suas experimentações daquela época, percebemos o destaque endereçado pelos autores às relações de poder, presentes nos espaços onde intervinham e o forte viés militante de seus trabalhos a favor de um repensar a sociologia.

É crucial afirmar o quanto estas práticas produziram um impacto na pesquisa, em especial, a delineando enquanto pesquisa-intervenção, a partir da intensa criação de Lourau e Lapassade na pesquisa-intervenção, em psicologia, em especial, no que tange aos usos do diário de campo, objeto de preocupação desse artigo, na análise institucional. A questão central, abordada pelos analistas franceses das instituições era pensar a pesquisa como um ato de intervenção e não mais como uma prática distanciada do espaço de atuação em que a investigação era realizada.

Desse modo, Lourau e Lapassade propuseram um campo analítico em que a intervenção se apoiava na ideia da multiplicidade dos modos de viver e buscava a construção de dispositivos analisadores com o objetivo de provocar a análise dos acontecimentos e práticas, das rupturas que poderiam produzir outros sentidos, os quais possibilitariam desnaturalizar as instituições. A produção da análise institucional, feita por Lourau e Lapassade foi embalada por diferentes forças que a ela se articularam: a psicoterapia institucional, a pedagogia institucional, a psicossociologia, a psicanálise, os estudos sobre grupos dentre outras.

Com esse conjunto de referências, implantou-se um objetivo que passou a conduzir uma série de pesquisas, qual seja; a realização de uma análise visava à desnaturalização das vivências cristalizadas, apostando na potência dos micro-espacos como campo de intervenção, através da desconstrução de verdades, produzidas como eternas e naturais. Portanto, é importante atuar a partir de uma prática de pesquisa que recusa os estados fixos, os quais nos afastam da potência de inscrição da vida no plano do cotidiano. Ora, a opção era pelo movimento e pela dimensão processual das existências, à qual, ao se feita, produz, ativa, estabelece criações de si e das práticas sociais. Há coexistência entre intervenção e a produção dos saberes.

Havia uma crítica contundente de Lourau (1993) à despolitização dos encontros de grupos em busca de uma liberação espontaneísta tão comuns em algumas dinâmicas de grupo

e em algumas práticas da psicossociologia. Ele afirmava que é no fazer que se constroem as práticas de intervenção, é se misturando ao cotidiano que se pode promover e potencializar as tensões, os questionamentos políticos; enfim, é na oportunidade para produzir análises que emergem processos de construção do conhecimento.

Com efeito, abre-se uma brecha que leva em conta o fato de que nas intervenções as demandas dos grupos são processuais, móveis, vão se refazendo. Portanto, é preciso que a pesquisa leve em conta os movimentos que se dão no transcurso do tempo, recorrendo a frequentes análises de implicação, ferramenta de destaque na rede de conceitos da análise institucional, sempre dinamizadas, sendo feitas para romper com a naturalização das múltiplas instituições que nos atravessam e constituem.

Lourau (1993) traz a noção de implicação como um processo presente na pesquisa-intervenção e afirma a importância do “fora-texto”, propondo o diário de campo como um dos instrumentos importantes para a análise. É dentro dessa perspectiva que emerge a proposição de construir um campo de coerência no qual a pesquisa não se separa da intervenção e o espaço de investigação inclui tanto o pesquisador quanto o objeto da pesquisa.

Tal diferenciação em relação aos princípios positivistas e às forças tradicionais cartesianas participantes das ciências humanas aparecem em Lourau como expressão de seu questionamento às formas instituídas e constitui um dos eixos de sua prática política de intervenção crítica e analisadora da gestão coletiva por meio e com os saberes/poderes, agenciados nos entremeios das práticas.

Diário de campo: uma escrita das múltiplas leituras da pesquisa

O caminho aberto pela análise institucional para pensar a pesquisa-intervenção envolve um conjunto de ferramentas que sustentam seu modo de funcionamento. Dentre elas Lourau (1993) destaca o diário de campo, que possibilita historicizar, registrar o cotidiano, e com isso colocar em análise os acontecimentos, propondo que ao escrever as vivências de um campo, emergem criação e análise. O autor utiliza com recorrência os diários de campo em suas pesquisas, analisando os deslocamentos dos registros como ferramentas históricas e políticas.

As anotações das experimentações e dos acontecimentos realizados durante os estudos e suas ressonâncias eram mais que minúcias articuladas a outras metodologias consideradas mais relevantes, como as entrevistas e o trabalho grupal. Os diários têm tradicionalmente sido usados como um complemento das práticas de pesquisa. Todavia, Lourau não se apropriava

dele desse modo. Os diários não deveriam ser subalternizados e nem priorizados frente a outras táticas, pois cada estratégia teria sua relevância na produção de saberes e de rupturas das cristalizações desde que historicizados e desnaturalizados pela crítica aos universais e às linearidades.

A partir deste momento, para Lourau (1993), a dualidade perde o foco em seus estudos, sobretudo, na problematização das rupturas ocorridas na escrita dos diários de campo. A pesquisa como política de existência traz uma perspectiva de abertura para ranhuras e multiplicidades de textos entrecruzados. Geralmente, tem-se acesso aos trabalhos editados e raramente à circulação em formato de diários enquanto ordem do discurso, inclusive, entre os próprios pesquisadores. Algumas exceções podem ser encontradas na história, na antropologia e na sociologia, campos nos quais a potência dos diários tem maior destaque e circulação em arquivos, museus, bibliotecas e artigos, em aulas e conversas de estudiosos e interessados em partilhar, compartilhar e experimentar outros regimes discursivos.

Não tratamos dos diários como expressão de uma interioridade psicológica e/ou de algo oculto, de uma intimidade secreta a ser confessada pela escrita do mundo privado. O diário de campo é um dispositivo de intervenção para Lourau (1993), para fazer pensar e romper com as ordens instituídas. Se para Lapassade é a explicitação dos conflitos e da dureza da burocracia com suas práticas cristalizadas e reprodutivas, podemos dizer que para Lourau se tornou a tática de deslocamento de si e dos outros na prática de pesquisa.

Nesse sentido, os acontecimentos geram outros acontecimentos e os escritos nos diários não são descrições apenas de algo visto e dito pelo pesquisador, já que abrem brechas e promovem singularizações. O campo não se restringe a uma etapa do estudo, após um mergulho teórico e temático. É um mapa de forças entrecruzadas, heterogêneas, múltiplas, em deslocamento e frequente mutação (RODRIGUES, 2003).

O campo atravessa e é atravessado pelo diário, cuja construção produz linhas que se encontram por outros movimentos, diferentes das sequências rigidamente planejadas e do controle, dito imparcial, cronologicamente regrado pelos modos clássicos de pesquisar. A composição entre os acontecimentos se dá pela variação, por arbitrariedade, pelo que foge ao texto e às páginas, e pelo que resiste aos passos determinados e ao tempo linear cronológico (PAULON & ROMAGNOLI, 2010).

Um desafio se coloca, ao rompermos com um mundo tão asséptico das pesquisas de passo a passo delineado em nome da viabilidade temporal, dos financiamentos e dos editais programáticos. Há intempestivos no trabalho, inquietações e intrigas que trazem perguntas e

movimentos sem linha reta, em setas para um futuro em continuidade. Agir pelas bordas e transbordamentos dos percursos do pesquisar, intervir pela potência dos encontros, acolher passagens das ressonâncias ao acaso das metas, fazer deslocar os objetivos e movimentar os trajetos sem limitá-los às etapas dos tempos cronológicos das agendas é uma maneira de acionar os diários de campo enquanto dispositivos que operam saberes e poderes que estremecem e agenciam modos de efetuar estudos.

Escrever para pensar, escrever como criação, escrever como estratégia de análise, escrever como ato político e ético, eis a proposta da análise institucional ao lançar a ferramenta: diário de campo como uma tática de luta e de produção de saberes. Em tempos de produtividade com tendências seriadas e padronizações internacionais cada vez mais regradas por vetores neocoloniais, vale apostar nas posições que coloquem em evidência práticas de resistência a certa forma de fazer pesquisa e escrita instituídas por uma burocracia mundializada.

A postura ética a que nos referimos não é aquela que vem sendo ditada *a priori* por comitês e pelo legalismo judicializante. É uma posição que envolve uma análise de implicação permanente ao longo do trabalho de pesquisa. Quando falamos em prática política não estamos referindo o movimento de representatividade em conselhos e comissões e sim o processo de se posicionar crítica e historicamente frente às encomendas de pesquisa cada vez mais fechadas e que buscam resultados utilitaristas, de empiria obtusa e de subserviência ao mercado das patentes e da chamada inovação tecnológica aplicada. Por isto, Foucault (1979) destaca ser importante prestar contas do trabalho realizado sem, contudo, se render à rigidez empírica e nem à agenda dos circuitos macropolíticos de pesquisas encomendadas e instrumentais.

Descontinuidades e singularidades na pesquisa

Mais do que criticar a hegemonia do pesquisar calcado na ciência positivista, em seus binarismos e dicotomias, trazemos aqui potentes ferramentas propostas por Lourau e Foucault, dentre outros autores parceiros, que sustentam nossas práticas de pesquisa-intervenção. A multiplicidade dos objetos que investigamos em uma pesquisa nega a possibilidade de apreendê-los de forma objetiva e neutra. Tal pode ser afirmado em aliança com o pensamento de Foucault ao estranhar as ideias de verdades eternas, evolução e continuidade (Coimbra & Nascimento, 2001).

A descontinuidade é a ruptura com a linearidade histórica e com a memória sequencial de uma linha reta do tempo contínuo (Foucault, 2009). A produção da singularidade e/ou pensamento da diferença se materializa por meio da transdução e da descontinuidade, que permitem sair da lógica de identidade e consciência para adentrar na dimensão dos processos de mutação e heterogeneidade (Veyne, 2009). O tempo e o pensamento deixam de ser analisados como unidade, retrospectiva e projeção para ganharem atualizações de potências de intensidades virtuais, em multiplicidades diferenciais (CARDOSO JR, 2001).

O diário de campo pode ser lido em diversas temporalidades e analisado como processo em variação de linhas entrecruzadas, ao acaso, produtoras de diferença pelos deslocamentos das forças. Cardoso Jr. (2005) assinala que há uma relação entre tempo, corpo e subjetividade que deve ser problematizada enquanto efeito de processos de subjetivação que forjam a diferença como singularização e movimento de forças.

Se retomarmos Lourau (1993) e seus estudos sobre os diários de campo, é possível mapear a produção do processo de transdução enquanto deslocamento diferencial de si e dos outros pelo tempo, pelo espaço, pelo corpo e pela subjetividade. Ao introduzir essa nova ferramenta, a transdução, Lourau traz novos contornos para suas problematizações sobre a análise de implicação.

A transdução é trazida por ele do universo da física e trabalhada em associação com os diários de campo para forjar uma metaestabilidade de intensidades de energia e de individuação e para produzir mutação (ESCÓSSIA, 2012). Como efeito, há uma flutuação, uma dissociação entre a escrita temporal (descontinuidade) dos diários de campo e o autor (deslocado de si) em termos de subjetividade (forma) e processo de subjetivação (processo).

Em *A escrita de si*, Foucault (2004a) ressalta que a escrita é um exercício do pensar sobre si mesmo, que reativa o pensamento por diferenciação. Assim, o diário de campo não é mero suporte da memória, um baú de lembranças, mas um processo de subjetivação. Este regime de escrita tem um aspecto político, de intervenção sobre si e sobre os outros, e ao mesmo tempo estético de se transformar e se pensar, além de um exercício ético dos fazeres como cuidados de si e dos outros. Ler o diário e escrever, ler outros materiais e retornar ao diário de campo, exercícios de leitura e escrita que implicam um posicionamento frente à produção de verdades. Portanto, restituir os acontecimentos logo após sua ocorrência, marcadamente após ser digerida em uma análise histórica, forja uma política interventiva e uma estilística da existência tal qual um *ethos* frente ao presente (FOUCAULT, 2012).

Hess (2004) destaca que para Lourau, na pesquisa com diários de campo, a transdução é um recurso que possibilita ao pesquisador realizar análises de implicação ao tecer suas escrituras e as dissociações das mesmas. Descentrar o autor se torna uma estratégia que ganha relevância na pesquisa, ao propiciar a problematização das variações do diário no plano do cotidiano das práticas, que é o próprio campo em sua emergência histórica e em suas variações intensivas.

Há o que Deleuze (2005) denominou de disjunção entre o ver, o observar, o falar e o escrever. Cada ato é um acontecimento que pode ser encadeado a outro em relações montadas e constituídas tal como um diário de campo arquivo editado/selecionado, mas que não são da ordem da evidência. Falamos do arbitrário e da pragmática das relações, ou seja, da fabricação de relações como um gesto analítico e não como uma essência. Na história perspectiva e descontínua, portanto, transdutiva, não há buscas e crenças nas descobertas de articulações que estariam naturalmente estabelecidas.

Aí se coloca o princípio de incerteza de Heisenberg, que segundo Hess (2004) foi apropriado por Lourau como ferramenta que possibilita a dimensão instituinte de invenção frente ao instituído da pesquisa e suas normas, leis e organizações. A análise de implicação transversalizada pela diagonal da transdução permite a singularidade em meio a uma sociedade que experimenta práticas cristalizadas, endurecidas e desvitalizadas pelas abstrações e universalizações do pesquisar marcado pela mera repetição de procedimentos controlados em laboratórios e por métodos reproduzidos.

Neste momento importa comentar que ao falamos da pesquisa-intervenção, pelo viés da análise institucional, a discussão envolve um conjunto de ferramentas que não podem ser levantadas em separado. Assim é que ao falarmos da análise de implicação não foi possível deixar de lado a entrada do diário de campo e da transdução. Do mesmo modo, outra ferramenta se impõe no presente debate: a restituição.

De acordo com Coimbra e Nascimento (2012), a restituição, “semelhante ao diário de campo, (...) permite destacar os movimentos e acontecimentos geralmente excluídos e desqualificados, entendendo os chamados objetos da pesquisa/intervenção como sujeitos constitutivos desses processos” (p. 213). Trazida como tática na pesquisa, ela se diferencia das devolutivas de fim de estudos nas quais se entrega uma cópia do texto final ou os chamados resultados aos entrevistados e aos locais nos quais se realizou um trabalho. Mais do que discordar dessa ideia, a restituição está vinculada à análise de implicação do ato de pesquisa e do pesquisador porque permite operar nos entremeios da pesquisa e das forças nela

em jogo. Daí, sua relevância, pois se trata de retornar ao plano da análise coletiva dos acontecimentos produzidos na pesquisa. São nesse momento que ganham intensidade os diários construídos por darem destaque aos acontecimentos que poderiam passar sem serem notados; sendo aqueles geralmente ignorados na análise, mas que pelo fato de participarem dos diários, contribui enormemente no processo de restituição (LOURAU, 1993).

É de suma importância interrogar as implicações em termos do que atravessa a prática de criação de um projeto de pesquisa e de transformações do mesmo, da escolha do trabalho com diários, da redação e publicação dos resultados de um estudo (MALATIAN, 2009). Pensar quais instituições atravessam a pesquisa e os efeitos das mesmas em nossos corpos, nas construções subjetivas, nas individualizações e na escrita. Atualmente, há pressões editoriais e de mercado para uma política científica de internacionalização da pesquisa e da publicação.

Diferente de uma internacionalização vertical seria a proposta da cooperação internacional sem a primazia de uma língua estrangeira. Nesse aspecto, se configura uma análise política, ética e de criação com uma coletivização da produção de pesquisa mais afirmativa dos encontros e das conversas do que a lógica de docilidade e altos desempenhos pela pressão econômica, competição e subserviência acrítica (DELEUZE & GUATTARI, 2013). Romper determinadas ordens dos discursos e fazer circular saberes de diferentes maneiras e em diferentes espaços é relevante no sentido de evitar a submissão cega e dócil aos critérios decididos por pequenas cúpulas e por organizações distantes dos processos coletivos de autoanálise e autogestão.

Foucault (2004b), em uma de suas aulas inaugurais no Collège de France, destacou que há um sistema de formação discursiva baseado em doutrinas, disciplinas, sociedades dos discursos, filtros e poderes que autorizam e desautorizam falas impedidas de circular. Ao mesmo tempo, Foucault (1979) ressaltava que onde há poderes há resistências e que os saberes das lutas cotidianas e locais podem ser uma possibilidade de abertura para fazer ranger o que estava calado e definido. E, assim, criar resistências com a insurreição dos saberes que foram submetidos pelas hierarquias centralizadoras das burocracias científicas (FOUCAULT, 2012).

Lourau (1993) também se preocupava com a dimensão ética da publicação e com a escolha e o uso das ferramentas de pesquisa. Por isso sua insistência na escrita do diário como dispositivo de produção de análises. O instituinte frente ao instituído poderia emergir justamente na análise de implicação das tramas das normas e das leis e não na mera submissão da obediência cega às encomendas, sem colocá-las em análise. Assim, coletivizar

os saberes e sua produção por meio da pesquisa-intervenção e com o diário de campo é possível pelos entremeios dos aparatos dogmáticos, burocráticos e hierárquicos (ROMAGNOLI, 2009).

Em seu processo de construção dos referenciais da análise institucional, Lourau (1992) propõe a realização de assembleias de discussão e deliberação coletiva para fazer circular as vozes. Nessas situações os diários de campo podem trazer as inscrições do “fora-texto”, visto que há decisões na produção denominada científica, que ocorrem em contextos dos bastidores das assembleias e das atas das mesmas. Frente ao que é aprovado e divulgado, o que resiste e burla o instituído burocrático formal?

Tornar público o secreto é um risco. É o que diz Lourau (1988) ao publicar o livro “*Le journal de recherche: matériaux d’une théorie de l’implication*”, ainda não traduzido para o português. Para discutir que toda produção científica se exprime também por outras escrituras que não somente por aquela tomada como texto definitivo, nessa obra faz análises dos diários de diferentes pesquisadores (Margareth Mead, Wittgenstein, Ferenczi, Malinowisk etc), mostrando como cada um desses escritos subversivos aponta o que não é frequente nas obras acadêmicas. Malinowisk, por exemplo, refere o que secretamente gostaria de dizer, mas que a ciência não lhe permitia fazê-lo. A edição de publicação “limpava” o cotidiano das sobreimplicações não analisadas por este antropólogo de tanta repercussão internacional. Seus neocolonialismos, suas xenofobias e seus preconceitos eram excluídos dos livros publicados e distribuídos pelas editoras. Como um praticante da escrita “fora-texto”, o próprio Lourau nos apresenta fragmentos do seu diário sobre a elaboração desse livro, no qual discute a face oculta do seu trabalho, no intuito de publicizar as dificuldades, hesitações e dúvidas de sua pesquisa-intervenção, visando à implantação de uma nova metodologia nas ciências sociais.

Apesar do rompimento entre Lourau e Lapassade, no momento em que Lourau trabalhava com os diários de campo, é possível perceber algumas ferramentas encontradas em Grupos, organizações e instituições. Esse livro, Lapassade (1989) nos diz que no instituído há uma tendência a impedir a circulação de saberes e poderes em termos de processo de dominação burocrática. Silenciar outras ordens do discurso e dificultar acessos e invenções é efeito das forças concentradas em barreiras burocráticas da economia política dos saberes chamados de científicos; em uma hierarquia de produção e circulação da verdade.

Por isso, voltando a Lourau (1993), a restituição pressupõe a análise da implicação do pesquisador e do seu ato de pesquisar diante das instituições burocratizadas da pesquisa instituída nas agências de fomento, pós-graduações, editais, encomendas pelo Estado,

organizações internacionais ou empresas. A análise da oferta de editais e das regras do pesquisar financiado é importante porque a oferta é uma produção que tem diversos atravessamentos de normas e instituições cristalizadas. Portanto, ela não tem uma natureza, mas uma história a ser alvo de interrogação.

Contudo, não fiquemos restritos apenas à preocupação da análise da burocracia. É possível ir além da mesma e pensar relações de forças mais móveis, no plano instituinte e diagonal das mesmas, que não estão em verticalidade somente. Enfim, olhar para o cotidiano e para a dimensão molecular das relações e das práticas (DELEUZE & GUATTARI, 2014). Assim, é interessante trazer a problematização da ciência e ativar os saberes locais e diversos na insurreição das práticas consideradas desqualificadas, tal qual Foucault (1979) relata ao tratar da genealogia como crítica da verdade e interrogar historicamente as relações de poder.

Nesse aspecto, é possível pensar nas forças múltiplas e sair da dualidade vertical da burocracia dos oprimidos versus dominados, para abrimos o leque de análise na microfísica do poder saber e deslocar as linhas e os traçados dos mapas nos diários de campo, na restituição e por meio da análise de implicações. A restituição traz o plano dos saberes para a coletivização, promovendo a ruptura com a individualização de um suposto sujeito autor da pesquisa, o que é relevante quando se trabalha com a análise institucional, em Lourau, e com a história, em Foucault.

Com isso, abrem-se possibilidades para sair da dualidade entre instituído e instituinte, trazendo o campo de forças que opera pelo diário, e como efeito potencializando a multiplicidade e a singularidade da produção da diferença (HESS, 2004). Desse modo, são evitadas as sínteses apaziguadoras unitárias de um tempo contínuo e de uma história que se acomoda nas tradições morais e no progresso funcionalista de uma dinâmica binária e de controles de variáveis entre espaço e tempo (CARDOSO Jr., 2001).

De outro modo, com a prática do diário emergem forças intensivas moleculares, transversais e diagonais à escritura da pesquisa, que podem ganhar formas insólitas e imprevisíveis e estremecer as cristalizações do instituído das instituições da metodologia, do método e das teorias. As ferramentas passam a ser movimentadas não para uma aplicação entre as chamadas teoria e prática e entre um sujeito e um objeto prévio. Deslocar estas balizas grudadas em naturalizações para pensar com elas, ao invés de universalizá-las permite a invenção e, portanto, comporta sair da reprodução técnico-científica padronizada (ROMAGNOLI, 2009).

A matemática de Riemann trouxe contribuições para a filosofia da diferença e para a análise da transdução ao traçar a geometria diferencial que descentra qualquer coordenada priorizada e como referencial universal (DELEUZE, 2009). A física quântica de Capra (2001), em *O ponto de mutação* destaca que o olhar que observa transforma o acontecimento observado e que não se deveria pensar por linearidades. Ou seja, a pesquisa não deve se limitar à lógica de causa e efeito.

Do mesmo modo, o diário de campo não é uma representação que o pesquisador faz sobre um objeto pesquisado previamente, é um dispositivo que permite a estratégia da transdução em sua lógica de dissociação disjuntiva e de mutação da escrita e do ato de ver, dizer, pensar, ler e escrever (HESS, 2004). Dizer é diferente de ver e de escrever nesse sentido e essas práticas são conectadas pela transdução e imanência, porém, são distintas.

Algumas análises finais

Prigogine (2011), em *O fim das certezas* crítica o equilíbrio energético e dos sistemas e os determinismos na medida em que, mesmo no mundo físico, se pode apenas pensar possibilidades, em apostas em comunidades produtoras de saberes que não se organizam por paradigmas e nem por um equivalente geral de ciência a ser reproduzido como único possível. Tal pensamento é apropriado pela análise institucional ao efetuar sua problematização à burocracia científica e aos usos aplicativos de técnicas ahistóricas.

A postura da história e a ruptura de uma transvaloração em Nietzsche possibilitaram a Foucault e Deleuze trabalharem com a perspectiva da descontinuidade e da singularização nos processos de subjetivação (LEMOS & CARDOSO JÚNIOR, 2009). Também permitiu aos dois problematizarem a criação da verdade e a politização de uma ética dos estilos de existência em relação à escritura no pesquisar sem buscar soluções utilitaristas e sem visarem traduzir saberes por claves prévias, fixadas como universais e constantes históricas. Pensar é criar por deslocamento descontínuo e não reconhecimento de consciências e objetos essencializados (CARDOSO JR, 2012).

As contribuições desses autores são parceiras da proposta da pesquisa-intervenção e sustentam nossa problematização dos discursos normativos hegemônicos que buscam regular o pesquisar e a produção do conhecimento. A pesquisa-intervenção coloca em análise o universo platônico das certezas ao propor a inseparabilidade entre sujeito e objeto, ao desconfiar da linearidade, da causa e efeito, das origens, das linhas retas, da neutralidade e das verdades absolutas.

Concluindo, o diário de campo é ferramenta rica na possibilidade que o pesquisador tem para realizar a análise de implicação, além de poder analisar os movimentos instituintes. Permite, ainda, historicizar as práticas e desnaturalizá-las, operando por transdução e deslocamentos singularizantes nos processos de subjetivação decorrentes do pesquisar e das encomendas que são dirigidas ao pesquisador no cotidiano de seu trabalho.

Por fim, cabe apontar a dimensão ética do diário de campo e seu aspecto político de tentativa de disputar as forças das múltiplas relações de saber e poder das práticas institucionais. A invenção (a composição estética) na pesquisa se dará justamente pelo que de novo e instituinte for engendrado no movimento de deslocamentos das forças, em processos singularizantes, do acaso da combinação do agenciamento da produção da escrita artesã de um diagrama.

Ora, é nessa vertente que são produzidas problematizações fora da reconhecimento reprodutiva e, assim, se torna possível criar rachaduras na lógica das evidências científicas e da burocracia que hierarquiza saberes em sistemas de dominação (RODRIGUES, 2011). Pelas perguntas da história se faz a trama no diário de campo como ferramenta da pesquisa-intervenção, movendo as subjetividades e as práticas de saber e poder com a montagem do dispositivo de abertura dos processos de subjetivação, rumo à produção de liberdades para operar de outros modos, compondo uma vida afirmativa.

A escrita do diário de campo e as narrativas históricas trazem um escopo importante e rico de empiria e criação na pesquisa, possibilitando o trabalho vivo da memória e o registro acontecimental das práticas sociais. Os fazeres do cotidiano e a multiplicidade dos acontecimentos ganham um lugar relevante na produção de estudos e análises das experiências enquanto modos de ser, de sentir, de pensar e de agir na história do presente.

RESEARCH-INTERVENTION IN PSYCHOLOGY: THE USES OF THE FIELD DIARY

Abstract

This article know the research-intervention through paths of institutional analysis. Therefore, it examines the research process from the concept of implication and brings the field diary as a fundamental tool. Because of the researching process' surprises, there is a need to be aware of what Rene Lourau's thinking line calls the "hors text", which, in the classic scientific circle, should not appear on the aseptic writing of the final text. The "hors text" is rich in possibilities of analyzes, exposing implications and producing a reading of the practice. By crossing different tools of institutional analysis, the article seeks to bring the research-invention as a methodology that mediates the principles of neutrality and objectivity of positive science and its dichotomies and production of truths. Although Renè Lourau's line of thinking leads the

Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 57, p.<239-253>, jul./dez. 2020

article, there is not a pure read of this author, but displacements in the use of its tools in the research.

Keywords: Research-intervention; Field diary; Institutional analysis; Psychology.

INVESTIGACIÓN DE INTERVENCIÓN EM PSICOLOGÍA: EL CAMPO DE USO DO DIARIO

Resumen

En este artículo se discute la investigación de la intervención de los caminos de análisis institucional y sus herramientas. Por lo tanto, creo que el proceso de búsqueda a través de la noción de implicación y trae el diario de campo como herramienta fundamental para el análisis. Hay molestias en la búsqueda y debemos estar alerta a lo que René Lourau llamado "off-texto", lo que en el círculo científico clásico no está en la aséptica escribir el texto final. El "fuera de texto" es rico en análisis de oportunidades, expone las implicaciones, y su escritura produce una lectura práctica. Con la intención de interponer diferentes herramientas de análisis institucional, el artículo pretende acercar la investigación relacionada con la intervención como una metodología que representa los principios de neutralidad y objetividad de la ciencia positiva, sus dicotomías y verdades de producción. Aunque la idea de René Lourau conducen artículo, hay una lectura pura este autor, pero los cambios en el uso de sus herramientas de investigación.

Palabras clave: Investigación de la intervención; Diario; Análisis institucional, Psicología.

REFERÊNCIAS

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2001.

CARDOSO Jr., H. R. *Tramas de clio: convivência entre filosofia e história*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2001.

CARDOSO Jr., H. R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. In: *Psicologia: reflexão e crítica*. 18(3), 343-349, 2005.

CASTRO, C. *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

COIMBRA, C. M. B. e NASCIMENTO, M. L. O efeito Foucault: desnaturalizando verdades, superando dicotomias. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*, Vol. 17, no. 3, 245-248, 2001.

COIMBRA, C. M. B. e NASCIMENTO, M. L. Sobreimplicar. In: Fonseca, T.M.G., Nascimento, M. L. e Maraschin, C. (Orgs.) *Pesquisar na diferença: um abecedário*. (pp. 211-213). Porto Alegre: Sulinas, 2012.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

- ESCÓSSIA, L. Individuação e informação em Gilbert Simondon. In: *Informática na Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, V. 15 (1), 19-30, 2012.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: Motta, M. B. da. *Michel Foucault: ética, estética e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 144-162, 2004a.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 2004b.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HADOT, P. *O que é a filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 2014.
- HESS, R. O movimento da obra de Renè Lourau. In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau. Analista Institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 17-39, 2000.
- LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- LEMOIS, Flavia Cristina Silveira and CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. A genealogia em Foucault: uma trajetória. *Psicol. Soc.* [online]. 2009, vol.21, n.3, p.353-357.
- LOURAU, R. *Le journal de recherche: matériaux d'une théorie de l'implication*. Paris : Méridiens Klincksieck, 1988.
- LOURAU, R. *Análise Institucional e práticas de psicologia*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- LOURAU, R. O instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau. Analista Institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 47-65, 2004.
- MALATIA, T. Cartas. Narrador, registo e arquivo. In: Pinsky, C., & Luca, T. R. de. *O historiador e suas fontes* (pp. 195-221). São Paulo: Contexto, 2009.
- MEZZADRA, S. Em viagem. Michel Foucault e a crítica pós-colonial. In: ARTIÈRES, M., BERT, J. F., GROS, F., & REVEVL, J. (Orgs.) *Michel Foucault* (p. 337-348). Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- PAULON; S. M; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. In: *Estudos e pesquisas em Psicologia*, ano 10, n. 08, p. 85-102, 2010. Arquivo acessado em 11 de dezembro de 2019.
- PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

RODRIGUES, H. C. Do arrependimento dos intelectuais ao triunfo da rosa - análise institucional, Estado e direitos humanos. In: *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 89-108, jun. 2003. Arquivo consultado em 10 de dezembro de 2019.

RODRIGUES, H. C. Intercessores e narrativas: por uma dessujeição metodológica em pesquisa social. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 6(2), p. 234-242, São João del-Rei, agosto/dezembro, 2011. Arquivo consultado em 05 de novembro de 2019.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicol. Soc.* [online]. 2009, vol.21, n.2, pp.166-173. Arquivo consultado em 21 de novembro de 2019.

VEYNE, P. *Foucault, seu pensamento, sua pessoa*. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

Data de recebimento: 08/01/2020

Data de aceite: 11/06/2020

Sobre as autoras:

Maria Livia Nascimento é Psicóloga – UNESP, Mestre em Psicologia Social – UNESP, Doutora em História Cultural-UNESP. Pós-doutora em Psicologia – UFF. Professora associada III de Psicologia Social – UFPA. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPQ-PQ2. Endereço Eletrônico: mlivianascimento@gmail.com

Flávia Cristina Silveira Lemos é Psicóloga – UNB. Mestre em Psicologia – UNB. Doutora em Psicologia Social – PUC-SP. Professora titular de Psicologia Social – UFF. Endereço Eletrônico: flaviacslemos@gmail.com